

Maria João
Valente Rosa

Um tempo sem idades

Ensaio
sobre o envelhecimento
da população

EDIÇÃO BILINGUE



LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXX

Índice

Introdução: Factos inquietantes 13

PONTOS DE PARTIDA

Conceitos em foco

Envelhecimento(s) na primeira pessoa 19

Envelhecimento(s) demográfico e societal 20

Métricas do envelhecimento demográfico 21

Idadismo 22

Passado e presente

Longevidade e envelhecimento demográfico 23

Raízes do envelhecimento demográfico 24

Velocidade do envelhecimento demográfico 25

Tendências

Envelhecimento demográfico inelutável a médio prazo 26

Certezas futuras sobre o perfil etário 27

Intensidades do envelhecimento demográfico 28

Sociedade «despadronizada» 29

Mais idosos, mas diferentes 30

CINCO TEMAS EM REFLEXÃO

Do passado ao futuro: descontinuidades 33

As métricas da idade

A idade comanda a vida 34

Sobre o critério «ano de nascimento» 35

Os anos que faltam nas métricas 36

Acentuado envelhecimento no «topo»? 37

Acentuado envelhecimento na «base»? 38

Orientação: revisão das métricas 39

© 2020, Maria João Valente Rosa
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6-A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Um Tempo sem Idades: Ensaio sobre o envelhecimento da população*
Autora: Maria João Valente Rosa
Revisão: Tinta-da-china

Título inglês: *The Age of No Age: An essay on the ageing population*
Tradução: Daniel Boyce
Revisão do inglês: Goodspell

Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Março de 2020

ISBN 978-989-671-541-0
Depósito Legal n.º 467754/20

Orientação: Novo medidor (MEDE)	40	Orientação: o sujeito	69
Fórmula do MEDE	41	Orientação: a avaliação de desempenho	70
Orientação: novas lentes	42	<i>A reforma como fase da vida</i>	
Orientação: lentes duplamente focadas	43	Riscos da velhice	71
<i>O modelo de ciclo de vida</i>		Tempo de reforma dilatado	72
O modelo dominante de organização do ciclo de vida	44	Reforma desejada e marcada	73
O desejo de não estar	45	A reforma em movimentos	74
A força do trabalho	46	Orientação: atrasar a reforma	75
Orientação: a não centralidade do trabalho	47	Orientação: reforma a tempo parcial	76
Orientação: tempos de vida interligados	48		
Orientação: formação transversal à vida	49	ENVELHECIMENTO: UM PRINCÍPIO COM FUTURO	
Orientação: escola para todas as idades	50	Súmula em dez ideias	79
Orientação: trabalho diluído	51	Quatro bloqueios herdados	80
Orientação: trabalho multiforma	52	A resposta não está na demografia	81
Orientação: mais tempo livre	53	Envelhecer é um processo contínuo	82
<i>A sustentabilidade da Segurança Social</i>		Uma questão filosófica	83
O modelo de financiamento das pensões de reforma	54	Inclusividade e justiça social	84
Tempos difíceis	55	Um envelhecimento verdadeiramente activo	85
A interferência da demografia	56	The Age of no age®	86
O equilíbrio entre contribuintes e beneficiários	57		
Os riscos do modelo de financiamento das pensões	58	VERSÃO INGLESA	87
Orientação: mais contribuintes	59	Referências bibliográficas	171
Orientação: maior participação na força de trabalho	60	Nota biográfica	174
<i>O «Idadismo»</i>			
A idade em omissão	61		
«Desigual-idades» em relação aos mais velhos	62		
«Desigual-idades» em relação aos mais jovens	63		
Irracionalidade da valorização da idade	64		
Choque entre «jovens» e «idosos»	65		
Mais envelhecidos, logo doentes?	66		
Mais velhos, logo menos produtivos?	67		
A idade retira competências profissionais?	68		

*Para o Luís Filipe
e para os meus filhos, Matilde e Manuel,
o melhor projecto da minha vida.*

«Permanecem nos velhos intactas as faculdades mentais, contando que o amor pelo estudo e a criatividade permaneçam; encontramos isto não só na vida dos homens famosos e ilustres como também na vida tranquila do cidadão particular.»

CÍCERO, *Da Velhice*, 44 a.C.

Vivemos em tempos de rápidas e profundas mudanças. Portugal, a Europa e o mundo não se reconheceriam se, em frente de um espelho, a imagem reflectida não fosse a da sociedade de hoje, mas a do século passado.

Embora muito diferentes do que já foram, as sociedades teimam, em inúmeras áreas, em resistir às mudanças. Tudo seria compreensível se essa resistência fosse em nome de um maior bem-estar colectivo ou mesmo pessoal. Mas não é o caso. O sentimento de bem-estar, individual ou colectivo, do presente ou do futuro, é frequentemente ameaçado por várias tendências que ganham força e impacto social. As alterações climáticas, o crescimento populacional, as desigualdades sociais ou o envelhecimento demográfico são exemplos de temas que não deixam ninguém indiferente e que se têm popularizado de forma relativamente angustiante na sociedade actual.

Este breve ensaio incide sobre um desses assuntos: o envelhecimento da população. E ambiciona fazer mais do que recapitular o muito que já foi dito e escrito sobre o tema. Pretende-se, acima de tudo, colocar em perspectiva os dados da demografia, questionar ideias feitas sobre o envelhecimento e abrir caminhos de reflexão sobre a difícil convivência da sociedade com o curso dos factos.

As incertezas na antecipação da demografia da população para os próximos 20 anos não são tão grandes como se

pode imaginar, pois a maioria das pessoas já existe actualmente e, se essas pessoas não morrerem, serão apenas 20 anos mais velhas. Claro que existe sempre alguma margem de erro nos cenários demográficos para o futuro, associada ao papel das migrações ou aos parâmetros que se admitem para a evolução dos níveis de mortalidade ou de fecundidade. Mas, mesmo assim, e ressalvando situações de catástrofe ou de outros eventos não previsíveis, há cenários que o presente permite antever. Imaginar o futuro da população, em termos demográficos, não é, portanto, um exercício de adivinhação ou de profecia. Os níveis poderão variar, mas a tendência para, a médio prazo, estarmos mais envelhecidos enquanto população é real.

Menos certo é o modo como os cidadãos, os poderes públicos e as organizações lidarão com esta evolução demográfica. Os paliativos técnicos para atenuar, de dia para dia, os impactos sociofinanceiros do envelhecimento, assim como a atenção especial dada ao envelhecimento activo, têm marcado as agendas sem que tal signifique uma redução da apreensão ou da aflicção social com tal processo. É por isso que se justifica questionar os princípios sociais dominantes.

Charles Darwin e Albert Einstein, cientistas da maior relevância, produziram aquelas que são talvez as duas teorias mais importantes e célebres da história da humanidade. A presente reflexão inspira-se intensamente em duas ideias atribuídas a estes dois homens:

Não é a espécie mais forte que sobrevive, nem mesmo a mais inteligente; mas a que reage melhor à mudança. (C. Darwin)

Não podemos resolver os nossos problemas com o mesmo modo de pensar que usámos quando os criámos. (A. Einstein)

Reagir ao envelhecimento demográfico prolongando o passado e tentando encontrar nele as respostas que o futuro exige é, por certo, cómodo; mas é pouco eficaz — não é possível partir em viagem e, ao mesmo tempo, ficar no cais.

Este livro procede a uma revisão crítica dos princípios herdados que comandam a vida em sociedade e apresenta cenários alternativos para pensar o futuro. Tudo em nome de uma sociedade inteligente e socialmente mais coesa.

Ocasionalmente, as ideias aqui apresentadas poderão suscitar algum desconforto inicial. Mas os argumentos de que «sempre foi assim» ou de que «amanhã logo se verá» não convencem.

Reconhecemos a enorme complexidade do tema do envelhecimento populacional, tanto pelas causas que o motivaram como pelos impactos vários que tem na sociedade. Por isso, reduzir as respostas que este processo exige a uma única dimensão, por exemplo financeira, não é a melhor forma de encarar a realidade e de alcançar os benefícios sociais desejados.

Com um tópico por página, este ensaio propõe-se, de forma acessível, reunir os fundamentos e discutir os princípios que consideramos essenciais para a reflexão sobre o «nós» enquanto sociedade marcada por uma população que está a envelhecer, dando particular atenção ao caso português.

De forma a simplificar a mensagem, optámos por não exagerar nas referências de carácter mais técnico, embora as mesmas possam ser confirmadas através dos estudos científicos referenciados.

Pontos de partida

Envelhecimento(s) na primeira pessoa

Do ponto de vista individual, envelhecer é um processo contínuo, complexo e natural ao ser humano.

Apesar de ser uma evolução partilhada por todos, cada pessoa envelhece à sua maneira. Assim, uma mesma idade cronológica, justificada pelo ano de nascimento, não significa uma mesma idade psicológica, que tem a ver com o modo como uma pessoa se sente e se avalia na comparação com outros de idade cronológica idêntica.

Do ponto de vista do indivíduo, o envelhecimento tem também uma expressão biológica, a qual é igualmente variável consoante as pessoas, dependendo nomeadamente das condições das células, dos tecidos e dos órgãos.

Diferentemente da idade cronológica, as idades biológica e psicológica podem regredir, no caso de a pessoa alterar certos comportamentos, como hábitos alimentares, estilo de vida, prática de exercício físico, etc. São relógios que podem, em certas circunstâncias, rodar em sentido contrário ao da passagem do tempo.

Apesar de uma mesma pessoa combinar várias idades, só uma delas parece contar verdadeiramente, pelo menos em termos de representação social: a idade cronológica. A expressão «isso já não é para a sua idade», ou as barreiras etárias usadas para marcar, de forma standardizada, o fechar de um ciclo de vida e a entrada noutra, como acontece com a idade da reforma, são disso exemplo.

Envelhecimento(s) demográfico e societal

Em termos colectivos, o envelhecimento da população corresponde a um processo que não é inevitável, tal como o é o envelhecimento cronológico individual, embora seja praticamente inelutável no médio prazo.

O envelhecimento demográfico define-se como uma evolução particular da composição etária da população, que corresponde ao aumento da importância estatística dos idosos (envelhecimento no «topo» da pirâmide etária) ou à diminuição da importância estatística dos jovens (na «base» dessa pirâmide). Caso o envelhecimento demográfico conduza a uma incapacidade, por parte da sociedade, de conviver harmoniosa e adequadamente com esse processo, tal situação é designada por envelhecimento societal.

Embora o envelhecimento societal tenha uma articulação com o envelhecimento demográfico, no sentido em que o primeiro pode resultar do segundo, estes não são processos necessariamente coincidentes. De facto, uma população pode estar a envelhecer e a sociedade não, o que significa que esta pode reagir à alteração do curso dos factos, encontrando uma forma adequada de os enfrentar. A marca visível do envelhecimento societal é a de uma sociedade que não renova os seus princípios e se sente «ameaçada» com a evolução da composição etária da sua população (Rosa: 2012).

Métricas do envelhecimento demográfico

Encontrar fórmulas simples que sumariem a evolução e o estado da composição etária da população é a razão do recurso a métricas estandardizadas que agrupam as pessoas de várias idades em grandes grupos etários.

As análises demográficas têm, ao longo dos tempos, usado uma das duas seguintes partições etárias: 0-19 anos (idade jovem), 20-59 anos (idade activa) e 60 ou mais anos (idade idosa); ou, em alternativa, 0-14 anos (idade jovem), 15-64 anos (idade activa) e 65 ou mais anos (idade idosa).

A segunda partição tem sido mais consensual, por estar mais próxima dos marcadores que balizam as três principais fases do ciclo de vida: até aos 15 anos, ou seja, perto da idade em que se torna possível entrar no mercado de trabalho; dos 15 aos 64 anos, período em que se é considerado activo em termos do mercado de trabalho; a partir dos 65 anos, fase também designada por terceira idade, período de vida pós-laboral, frequentemente marcado pela reforma. Dentro de cada um destes grandes grupos etários, são também, por vezes, considerados subgrupos, como no caso da idade idosa: «idosos mais jovens», habitualmente até aos 79 anos, e «idosos mais velhos», a partir dos 80.

Summary

Introduction: Disturbing facts 97

STARTING POINTS

Key concepts

Ageing(s) in the first person 103

Demographic and societal ageing(s) 104

Demographic ageing metrics 105

Ageism 106

Past and present

Longevity and demographic ageing 107

The roots of demographic ageing 108

The speed of demographic ageing 109

Trends

Demographic ageing is inevitable in the medium-term 110

Future certainties about the age profile 111

Demographic ageing levels 112

“De-standardised” society 113

More, but different, older people 114

FIVE ISSUES IN FOCUS

From the past to the future: discontinuities 117

The metrics of age

Age dictates life 118

The “year of birth” criterion 119

The years missing from metrics 120

Accentuated ageing at the “top”? 121

Accentuated ageing at the “base”? 122

Ways forward: reviewing metrics 123

Ways forward: a new measuring indicator (MEDE)	124	Ways forward: the person	153
MEDE formula	125	Ways forward: performance evaluation	154
Ways forward: new lenses	126	<i>Retirement as a life stage</i>	
Ways forward: doubly-focused lenses	127	The risks involved in old age	155
<i>The life cycle model</i>		Longer retirement	156
The predominant life cycle model	128	A desired and scheduled retirement	157
The desire to be elsewhere	129	Retirement in social movements	158
The importance of work	130	Ways forward: delaying retirement	159
Ways forward: beyond work	131	Ways forward: part-time retirement	160
Ways forward: interlinked life stages	132		
Ways forward: lifelong learning	133	AGEING: A PRINCIPLE WITH A FUTURE	
Ways forward: school for all ages	134	Summary in ten ideas	163
Ways forward: diluted work	135	Four inherited stumbling blocks	164
Ways forward: multi-tasking	136	Demography is not the answer	165
Ways forward: more free time	137	Ageing is an ongoing process	166
<i>Sustainable social security</i>		A philosophical issue	167
The funding model for pensions	138	Inclusiveness and social justice	168
Tough times	139	Truly active ageing	169
When demographics interfere	140	“The Age of no age®”	170
The balance between taxpayers and beneficiaries	141		
Risks of the pension funding model	142	Bibliographic references	171
Ways forward: more taxpayers	143	The author	175
Ways forward: greater workforce participation	144		
<i>Ageism</i>			
The omission of age	145		
“Inequalities” in relation to older people	146		
“Inequalities” in relation to younger people	147		
The irrationality of valuing age	148		
The clash between “young” and “old”	149		
Does older mean less healthy?	150		
Does older mean less productive?	151		
Does older mean fewer professional skills?	152		

*For Luís Filipe
and my children, Matilde and Manuel.
My life's finest project.*

“Old men retain their mental faculties, provided their interest and application continue; and this is true, not only of men in exalted public station, but likewise of those in the quiet of private life.”

CICERO, *De Senectute*, 44 BC

Introduction:

Disturbing facts

We live in times of rapid and profound change. Portugal, Europe and the world would barely recognise themselves if they stood before a mirror and saw the reflection of last century rather than the image of today's society.

Although very different to what has gone before, in many aspects societies remain resistant to change. All of this would be understandable if such resistance was maintained for the sake of greater collective or even personal well-being. However, this is not the case. A sense of well-being, be it individual or collective, present or future, is often threatened by different trends that gain traction and social impact. Climate change, population growth, social inequality and demographic ageing are just a few examples of issues that concern everyone and have become relatively agonising for society nowadays.

This short essay is about one of those issues: the ageing population. It aims to do more than go over old ground, repeating what has already been said and written about the subject. Its main goal is to present demographic facts, question entrenched ideas regarding ageing and invite reflection upon society's awkward coexistence with the course of events.

The issue of population demographics over the next 20 years is not as uncertain as one might imagine. Provided they do not die, most of the people already alive today will simply

be 20 years older. Naturally, there is some margin for error in projected demographic scenarios related to migration or likely levels of mortality and birth rates. Even so, if we exclude catastrophes or other unpredictable events, there are certainties that the present allows us to foresee. Imagining the future of the population, demographically speaking, is not a guessing game or mere prophesying. Rates may vary but, in the medium term, the trend for an ageing population is very real.

What is less certain is how citizens, public authorities and organisations will deal with this demographic evolution. Technical palliatives to mitigate the socio-financial impacts of population ageing, as well as a focus on active ageing, regularly set the agenda; however, this has done little to reduce social concerns and distress regarding the process. As such, it may be worth questioning the dominant social principles — which forms the basis for this essay.

The great scientists Charles Darwin and Albert Einstein produced what might be the two most important and well-known theories in the history of mankind. This reflection takes much of its inspiration from two key ideas attributed to these men:

It is not the strongest of the species that survives, nor the most intelligent that survives. It is the one that is most adaptable to change. (C. Darwin)

We cannot solve our problems with the same level of thinking that created them. (A. Einstein)

Reacting to demographic ageing by prolonging the past societal models is certainly convenient; however, it is rather inef-

fective, given that we cannot weigh anchor while remaining tied to the quay.

This book offers both a critical review of the inherited principles that dictate life in society and alternative scenarios for a more intelligent and socially cohesive society for the future.

These ideas may occasionally cause a certain unease at first, but arguments such as “it’s always been this way” or “we’ll sort it out tomorrow” are, at best, unconvincing.

We recognise that the issue of an ageing population is highly complex, both in terms of its causes and the impact it has on society. As such, reducing potential solutions to a single dimension (e.g. financial) is unlikely to achieve the desired social benefits.

This text brings together a range of arguments and discusses the principles we consider essential when reflecting upon “us” as a society with an ageing population, paying particular attention to the Portuguese case.

To simplify the message, more technical references have been kept to a minimum, but these can be found in the scientific research listed.

Starting points

Ageing(s) in the first person

From an individual perspective, ageing is a continuous, complex and natural process for human beings.

Although we all share this, each person ages in their own way. The same chronological age, as indicated by year of birth, does not necessarily mean the same psychological age, which is the way a person feels and thinks compared to others of the same chronological age.

For each individual, there is also a biological aspect to ageing, which is equally variable between people, depending on the state of a person's cells, tissue and organs.

Unlike chronological age, it is possible to turn back the clock on biological and psychological ages with certain changes in behaviour, such as diet, lifestyle, exercise, etc.

Even though each person is the combination of these different ages, only one of them seems to really count, at least in terms of social representation: chronological age. The expression "you're too old for that", or standardised age limits indicating the end of one life stage and the beginning of another (e.g. retirement), are examples of this way of thinking.

Demographic and societal ageing(s)

In collective terms, the concept of ageing is not inevitable, although it is practically inescapable in the medium term.

Demographic ageing is defined as a particular evolution of population age groupings, which involves an increase in the statistical importance of older people (ageing at the “top” of the age pyramid) or a decrease in the statistical importance of young people (at the “base” of the age pyramid). When demographic ageing leads to society being unable to coexist harmoniously and adequately with this process, this is referred to as societal ageing.

Although societal ageing is linked to demographic ageing, in the sense that the former can be a result of the latter, these processes do not necessarily coincide. If society reacts to change and deals with it appropriately, then we can say that a population is ageing while society is not. Societal ageing occurs when society’s principles do not feel “threatened” by changes to its age structure (Rosa: 2012).

Demographic ageing metrics

Standardised metrics are used to provide simple ways of summarising the development and age-profile of a given population, sorting people into large groups.

Over the years, demographic analyses have used one of the two following age groupings: 0-19 (young people), 20-59 (working age), 60 and over (elderly); or, alternatively, 0-14 (young people), 15-64 (working age), 65 and over (elderly).

The second grouping has been more commonly used, as it more closely resembles the indicators marking the three main course life stages: up to 15, i.e. close to the age people enter the labour market; from 15 to 64, which is considered to be working age; from 65 onwards, a phase also known as third or old age, a post-work period normally involving retirement. Within each of these large age groups, there are sometimes sub-groups, like in the case of older people: “younger elderly”, usually up to 79 years old, and “older elderly”, from 80 upwards.

Nota biográfica

174

UM TEMPO SEM IDADES

Maria João Valente Rosa (Lisboa, 1961) é doutorada em Sociologia, especialidade Demografia, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde é professora no Departamento de Sociologia. Actualmente, integra o Conselho Superior de Estatística, é vice-presidente do Comité Consultivo Europeu de Estatística (CE) e é investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa. Exerceu vários cargos públicos, nos Ministérios da Educação e da Ciência, e dirigiu o projecto Pordata, da Fundação Francisco Manuel dos Santos, entre 2009 e 2019. É autora e co-autora de vários artigos e livros sobre a sociedade portuguesa contemporânea, nomeadamente sobre o tema do envelhecimento da população; tem participado em inúmeros congressos nacionais e internacionais e sido responsável pela coordenação científica de conferências ou de outras iniciativas na área da Demografia.

The author

175

NOTA BIOGRÁFICA

Maria João Valente Rosa (Lisbon, 1961) has a PhD in sociology, specialising in demography, from the Faculty of Social and Human Sciences (Universidade Nova de Lisboa), where she is a professor in the sociology department. She is currently a member of the Statistical Council — Portugal, vice-president of the European Statistical Advisory Committee (EC) and a researcher at the Instituto Português de Relações Internacionais (Universidade Nova de Lisboa). She has held various civil service positions at the Ministries of Education and Science and headed the Pordata project (Francisco Manuel dos Santos Foundation) between 2009 and 2019. She is the author and co-author of several articles and books on contemporary Portuguese society, notably on the issue of population ageing; she has participated at various Portuguese and international congresses and been responsible for the scientific coordination of conferences and other initiatives in the field of demography.

Um tempo sem idades

de Maria João Valente Rosa
foi impresso pela Guide, Artes Gráficas,
em papel Coral Book de 90 g,
em Fevereiro de 2020.

